

LIGADOS COM O MUNDO: ESPAÇO-TEMPO E MEMÓRIA

Marta Helena Cocco¹

Nestes tempos em que não apenas nos percebemos demasiadamente ligados, mas invadidos e vigiados por eficazes tecnologias da comunicação e, paradoxalmente/estranhamente nos sentimos sós e isolados por costumes cada vez mais individualistas, além dos emblemáticos muros e grades, avulta-se dentre as produções literárias de Mato Grosso, uma narrativa curta e especialmente emocionante de Gabriel de Matos.

A história é simples e está registrada no livro *Geringonça* e na coletânea de contos *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século*. Trata-se de um personagem que narra uma parte de sua infância quando, na companhia do irmão, ouvia um rádio de pilha. Nesse rádio, os dois sintonizavam várias estações, algumas delas em língua estrangeira. O irmão traduzia as histórias, mesmo sem conhecer nenhuma daquelas línguas, e ambos viajavam pelo mundo graças à inventividade do Zeca:

... depois a música acabava e o locutor começava a falar, e o Zeca meio que espreguiçava e ia traduzindo direto, falando às vezes tão rápido que até se adiantava em relação ao estrangeiro. Foram muitas noites assim, a gente passeando entre as bananeiras do quintal pelas ruas da Tchecoslováquia, sob a mangueira velha em vielas de Estocolmo, por trás das touceiras de mato do Seu Vitório nas dunas do deserto do Casaquistão...

O conto termina dizendo que mais tarde as coisas mudaram. O irmão mais velho vai embora, o vizinho ergue um muro separando os quintais, o velho pé de mangueira cai e a TV substitui o antigo rádio.

Observamos no conto que, de um lado, mangueira, rádio de pilha, bananeiras e luar metaforizam uma vida de sonhos, de fantasias e de alegria. De outro, a TV, o quintal

¹ Mestre em Letras pela UFMT; professora do Departamento de Letras – Campus de Tangará da Serra. Pesquisadora do projeto: *A expressão cultural na literatura contemporânea: diversidade e identidade regional em Mato Grosso* (FAPEMAT). E-mail: martacocco@uol.com.br

cimentado, o muro alto vão caracterizando um outro espaço-tempo em que as pessoas já não conversam, não se visitam, não sonham.

Uma das imagens mais interessantes é a das pilhas esquecidas dentro do rádio *que melaram ácido*. Essa imagem, sem dúvida, é uma bela síntese para estes tempos de solidão e de desterritorialização que estamos vivendo. O ácido é um pouco dessa nostalgia, dessa sensação de que o prazer da convivência – não a virtual – nos foi roubado. Dentre tantos aspectos interessantes a serem analisados no conto, quero destacar dois: um, da sua estrutura, o espaço-tempo. Outro, do seu conteúdo, a memória.

Começo com Cortázar que diz: “O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal” (CORTÁZAR, 2006, p. 152). Em *Ligados com o mundo* essa condensação é explícita. Para além do que a Física já revelou - espaço e tempo não existem separadamente - no texto, a passagem do tempo vai operando as mudanças espaciais que fazem da memória do narrador, que as acompanhou, um território de profunda nostalgia. O narrador, em primeira pessoa, narra a partir do hoje, em retrospectiva ou *flashback*, o tempo de ontem, ao mesmo tempo em que descreve aspectos do cotidiano de uma família em Cuiabá.

Naquele tempo, ficávamos acordados até bem tarde, na sala de jantar já vazia, eu e meu irmão, ouvindo o rádio grande de mamãe. Me pai colocara um fio comprido, apoiado num bambu no quintal, para funcionar como antena mais potente. Dali eu e meu irmão Zeca ouvíamos o mundo. Isso deve ter sido faz tempo, porque, em 69 chegou a televisão em Cuiabá...

Bakhtin vai além da expressão do espaço-tempo condensados e formula o termo cronotopo para definir essa fusão.

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 1990, p. 211).

No conto de Gabriel, o espaço-tempo vai sendo apresentado ao mesmo tempo em que a história é rememorada, sem aquelas interrupções que ocorrem em algumas narrativas, quando o desenrolar da trama cede lugar às caracterizações do espaço ou às situações temporais.

Era quase toda noite. Meu pai e minha mãe, que estavam de pé às quatro e meia da manhã, iam dormir logo depois do jantar, eu ficava batendo papo com os outros moleques na rua de terra. Mais tarde, o Zeca chegava (...). Às vezes o tringlobe estava no quarto dos meus pais, que já estavam roncando. O Zeca pegava o rádio em silêncio e levava pra sala, onde eu já esperava com a ponta do fio de cobre na mão.

Além do espaço-tempo um dos aspectos que mais nos convoca à interpretação, no conto, é a memória. E especialmente a memória dos lugares, a memória do tempo, ou ainda, a memória dos lugares habitados em um certo tempo, o que para Paul Ricoeur constitui uma ‘forte ligação’. Dentre tantos episódios da infância, o narrador escolhe o das transmissões do rádio de pilha e as traduções do irmão para contar. Ao narrar depois de adulto, Turíbio poderia, por exemplo, desidealizar o irmão, acusando-o de forjar as traduções. *Mas não o faz. Se o fizesse, estaria desidealizando a imaginação e a fantasia*, típicas da infância e tão caras a sua memória. Assim, ao evocar esses episódios, o narrador busca o passado e confronta-o com o presente, na tentativa de não esquecê-lo, como pontua Ricoeur: “Lembrar-se não é somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, “fazer’ alguma coisa” (RICOEUR, 2007, p. 71).

Estamos acostumados à valorização do passado, ao culto à memória, quando se trata de assuntos coletivos. Nesse sentido, quase sempre a memória ganha *status* apoteótico. Na esteira do individual, a ficção e a literatura (embora também se ocupe de temas próprios da epopeia) têm cumprido a função inestimável de considerar os pequenos atos, banalidades do cotidiano, ocorrências que, equivocadamente, poderiam ser consideradas inúteis. Ora, nada do que se tem memória é inútil. Dentre toda a experiência vivida, tanto a lembrança como a imaginação são atributos especiais do ser humano. Gabriel de Matos, ao escrever esse conto, nos faz pensar a memória como um fio de cobre que nos permite a sensação de “ligados com o mundo”, apesar de tantos cortes, cisões, rupturas, desligamentos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arriguci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.